

29º Seminário Internacional de Integração Fé e Ensino
Centro Universitário Adventista
06 – 18 de Janeiro de 2002

A Natureza Foi Planejada?

L.J. Gibson, Geoscience Research Institute

* *Design* – Por não haver uma palavra no vocabulário em português que expresse a idéia completa deste termo, traduziremos o mesmo como planejamento.

Introdução

A natureza é repleta de maravilhas: as cores do arco-íris, a forma e a simetria de um cristal mineral, as formas e cores interessantes das flores; o mecanismo complexo do olho humano, o milagre de uma nova vida proveniente de uma semente ou ovo. São essas maravilhas naturais evidências da existência de um Deus ou são apenas fenômenos naturais que ocorrem sem nenhuma interferência divina? Alguns vêem evidências através das maravilhas naturais que comprovam a existência de um Criador benevolente; outros negam a necessidade de qualquer inteligência para criar ou dirigir a natureza; ainda outros defendem a idéia de um criador que é bom e mal ao mesmo tempo. Por que pessoas diferentes chegam a conclusões diferentes sobre tal assunto? Será que a natureza não apresenta uma evidência clara que comprove a existência de Deus ou que revele como Ele é?

Alguns cristãos tentaram desenvolver uma teologia baseada no estudo da natureza: uma “teologia natural.” Uma das pessoas mais famosas foi William Paley, que viveu no início do século 19. Paley argumentava que a natureza mostrava evidências de um planejamento, e isto nos levaria naturalmente a concluir a existência de Deus e a identificar algumas de Suas características. Paley usou um relógio como uma analogia do planejamento na natureza. Uma pessoa que descobre um relógio iria naturalmente deduzir a existência de um relojoeiro. Da mesma forma, uma pessoa que examina a natureza iria naturalmente deduzir a existência de um Criador.

Charles Darwin foi um dos oponentes à idéia de Paley. A princípio, Darwin se impressionou com os argumentos de Paley. Entretanto, ao desenvolver sua teoria da seleção natural, ele passou a crer que organismos vivos poderiam se desenvolver naturalmente através da competição e da sobrevivência do mais forte e melhor. Aparentemente, a resultante dessa idéia nos leva a um criador inteligente, mas essa aparência é enganosa. Não é necessário que haja um criador (planejador) para explicar aprimoramentos em organismos pré-existentes. Isto deixou a teoria da origem dos organismos inexplicada, porém trouxe à tona o “argumento do planejamento.”

Quanto ao objetivo deste trabalho, seria útil ter uma definição do argumento do planejamento. Minha idéia do termo planejamento está resumida na seguinte definição: *O argumento do planejamento é a idéia de que a natureza exhibe características que indicam que ela é o produto de um criador inteligente.*

Já vimos que existe uma discordância quanto à idéia de que a natureza é verdadeiramente planejada. Essa discussão já existe desde o período da Grécia Antiga, com os epicureus que defendiam uma natureza planejada e os estóicos que discordavam deste pensamento.

Exemplos do Argumento de Planejamento

Diversos argumentos têm sido desenvolvidos no transcurso da história. Atualmente, o argumento mais usado é o da complexidade irredutível e o argumento da perfeita sincronia. Ambos argumentos são, na verdade, de probabilidade. Estes e outros argumentos de probabilidade estão descritos abaixo.

O Argumento da Complexidade Irredutível: Um Exemplo do Argumento de Planejamento

O argumento da “complexidade irredutível” é um caso especial do “argumento de planejamento (Behe, 1994). Ele também pode ser chamado de “argumento da perfeição” (Baldwin, 1992). Basicamente, o argumento da complexidade irredutível sustenta a idéia de que determinados sistemas não possuem nenhuma função a menos que sejam completos; e que eles são muito complexos para serem construídos numa série de passos simples. Portanto, eles devem ter passado a existir a partir de um único passo. Visto que não é plausível que um sistema complexo possa surgir naturalmente a partir de um único passo, a única explicação razoável é que ele tenha sido produzido por um criador inteligente.

Note a diferença entre este argumento e o argumento clássico “deus das lacunas”. O argumento deus das lacunas defendia tal idéia: “Considere este fenômeno na natureza. Sua complexidade parece exceder nossa habilidade de compreensão ou imitação. Portanto, somente Deus poderia produzi-lo e sua existência é uma evidência da existência de Deus.” Esse argumento foi baseado na ignorância quanto ao funcionamento do fenômeno. Mais tarde, quando alguém descobriu como ele funcionava, o argumento teve de ser abandonado. Argumentos baseados em lacunas em nossa compreensão não são sólidos. Em contraste, o “argumento da perfeição” é baseado no conhecimento do mecanismo de um fenômeno. Entendemos como o mecanismo opera e podemos ver que ele não funcionaria a menos que fosse completo. A ratoeira tem sido usada como exemplo (veja abaixo).

O argumento da complexidade irredutível tem sido criticado como sendo igual ao argumento do deus das lacunas, visto que é baseado em nossa habilidade de imaginar uma função para o sistema incompleto. Entretanto, este tipo de crítica poderia ser aplicado a qualquer conclusão na ciência: frequentemente aceitamos uma conclusão particular porque não podemos imaginar nenhuma outra possibilidade. Parece haver uma diferença fundamental entre o argumento deus das lacunas que é baseado na ignorância do mecanismo, e o argumento da complexidade irredutível do mecanismo. Assim, penso que a crítica ao argumento deus das lacunas não tem nenhuma relevância para o argumento da complexidade irredutível.

A ratoeira: um exemplo de complexidade irredutível (Behe, 1994). Uma ratoeira consiste de uma plataforma, uma mola, alavanca, uma isca, uma barra (presilha) e vários grampos. A isca é colocada na base da ratoeira, a presilha é armada e presa na posição oposta pela alavanca. Quando a isca é tocada, a alavanca se move disparando a presilha sobre o rato, deixando uma sujeira desagradável para ser limpa. Será que uma ratoeira provê evidência para a existência de um planejador ou será que uma ratoeira surge naturalmente?

Suponhamos que todos os materiais para produzir uma ratoeira estão disponíveis. É claro, a origem dos materiais é outra questão, mas iremos simplesmente reconhecer este problema e seguir em frente. Poderíamos armar uma ratoeira seguindo certos passos, considerando que cada passo tem uma função? Uma forma para abordar esta questão seria

começar com uma ratoeira completa e formular a pergunta: “Qual parte posso remover e ainda ter algo funcional?” Vamos tentar facilitar; o resto não seria necessário para se ter uma ratoeira – poderia ser qualquer coisa. Agora, qual parte você removeria e qual seria a função das partes restantes?

Parece-me que, se removermos uma parte da ratoeira, resultará em uma pilha de sucata sem utilidade. A menos que você melhore esse argumento, parece que a teoria da progressão natural é um engano. Essa é a essência do “argumento da complexidade irreduzível.”

Vida: um exemplo de complexidade irreduzível. A vida é excessivamente complexa, mesmo na sua forma mais simples. Cerca de 2.000 espécies diferentes de proteínas, conhecidas como enzimas, podem ser identificadas na célula mais simples de uma bactéria. Cada uma dessas proteínas deve ser processada numa forma pura, de uma mistura de materiais puros. O processo deve ser especificado por mecanismos que transmitam uma grande quantidade de informações para o produto final. Os próprios mecanismos são complexos, requerendo a cooperação simultânea e integrada de várias espécies específicas de moléculas. Tal sistema parece muito complexo para surgir em um único passo e muito interdependente para surgir em uma série de passos. Segundo as Escrituras, a vida é um exemplo de planejamento. A vida parece ser irreduzivelmente complexa.

Entretanto, para o ateu, a vida não é nada mais do que o resultado de uma associação circunstancial de elementos químicos seguindo a lei natural. Defende-se a idéia que o estudo científico irá eventualmente resultar em nosso entendimento de como a vida funciona. Quando isso for alcançado, não haverá necessidade de depender de um planejamento inteligente para explicar a origem da vida.

Uma falha desta posição ateuista é que a habilidade de compreender como algo funciona não explica como isso veio a existir. Uma pessoa pode compreender como um carro funciona, mas isso não significa que um carro possa surgir sem um planejamento inteligente. Tem sido um erro grave da ciência e mesmo dos cristãos concluir que uma vez explicado o mecanismo de um fenômeno em termos de processos naturais, não há necessidade de se explicar esse fenômeno. Um segundo erro grave é assumir que se a ciência descobriu um mecanismo em potencial que irá produzir um fenômeno específico, então o fenômeno deve ter surgido a partir deste mecanismo. Pode haver outros mecanismos desconhecidos para os cientistas que produzam um fenômeno singular. Em alguns casos, ninguém pode afirmar qual dos mecanismos, se existe algum, foi a causa histórica do fenômeno. A ciência é particularmente incapaz de responder perguntas sobre as origens quando um agente inteligente está envolvido no processo.

Os Cílios: um exemplo de planejamento (Behe, 1994). Cílios são pequenas estruturas semelhantes ao cabelo que podem ser encontradas em organismos vivos. Os cílios aparecem no trato respiratório, eliminando mucos e pequenas partículas dos pulmões. Um cílio é composto de seis proteínas: (alpha-tubulin, beta-tubulin, dynein, nexin, spoke protein e central bridge protein). Um cílio é feito de uma série de pequenas fibras, conhecidas como micro-tubos. Os micro-tubos são compostos das moléculas (alpha e beta-tubulin), sustentadas por conectores: (radial spoke protein, nexin e connecting bridge protein). A molécula (Dynein) causa o movimento. Quando essas moléculas são ativadas, elas “movem” um micro-tubo para cima estando ligada ao seu par. Por causa da estrutura de componentes micro-tubulares, o cílio se dobra. Cada uma dessas moléculas deve existir num cílio para que ele funcione. Se faltar uma, o cílio se quebrará ou não funcionará. Este exemplo parece indicar uma outra forma de complexidade irreduzível.

Outros exemplos: Indubitavelmente, muitos outros exemplos poderiam ser dados. Parece que a maioria dos processos fisiológicos estão baseados em um ou mais componentes que são irreduzivelmente complexos. O olho, os canais semicirculares do ouvido, a atividade

das fibras musculares, a mitocôndria e muitos outros exemplos poderiam ser dados. Alguém pode achar que tais exemplos seriam suficientes para convencer uma pessoa quanto a necessidade de um planejador inteligente.

O Argumento da Sincronia Perfeita, Um Exemplo de Um Argumento de Planejamento

A existência do universo. Como cientistas têm explorado as características do universo, eles têm descoberto que sua existência depende de uma série de relações muito precisas entre as constantes físicas do universo (Barrow and Tipler, 1986). Por exemplo, no modelo do Big Bang sobre a formação do universo, a densidade das condições iniciais deve ter sido tão precisa para não permitir um erro de uma parte em 10⁵⁷ (Barrow and Tipler, 1986:410). Outras características do universo também envolvem valores de alta precisão. Enquanto se pode argumentar que tais séries de eventos improváveis não são impossíveis, nos parece altamente não plausíveis. A co-ocorrência de várias condições altamente precisas ou fisicamente constantes com um grau de utilidade sugere enfaticamente o envolvimento de planejador inteligente. Barrow e Tipler não endossam a visão cristã do Deus Criador, mas eles afirmam que a existência do universo é dependente de uma série de coincidências marcantes.

Outros Argumentos de Improbabilidade

Adequabilidade da Terra para a vida. A Terra possui um número de características que são necessárias para a existência da vida, mas que parecem anômalas quando comparadas às condições de outros planetas conhecidos (Lovelock, 1987). A composição de nossa atmosfera, a variação da temperatura na superfície da Terra, o espectro de irradiação eletromagnética emitido pelo sol e a presença de grandes quantidades de água, tudo parece necessário para a existência de vida na Terra, mas todas as características são bem diferentes de quaisquer outros planetas conhecidos. Novamente, poderia se argumentar que isto é uma mera coincidência, mas muitas pessoas sentem que tal explicação não é plausível.

Produção de uma proteína: Um argumento de não-plausibilidade está sob ataque nos anos recentes. Este argumento refere-se à probabilidade da produção por processos indiretos, de uma proteína com uma seqüência funcional de aminoácidos. O argumento é o seguinte: suponha que você esteja produzindo uma proteína aleatoriamente, conectando aminoácidos selecionados de uma amostra de vinte tipos diferentes que são apropriados para a existência da vida. Qual é a probabilidade de produzir uma proteína com uma seqüência de 100 aminoácidos? A resposta é uma chance em cada 20.100 ou uma chance em cada 10.130. Para a maioria das pessoas, esta probabilidade é muito pequena para ser plausível. Entretanto, sabe-se que uma porção funcional de uma proteína pode consistir de cerca de seis aminoácidos que devem estar presentes. No restante da proteína molecular, numerosas substituições podem ser toleradas. Desta forma, o problema deveria ser reformulado considerando as disparidades de se produzir uma seqüência de 100 aminoácidos, dos quais seis são específicos, enquanto muitos outros podem variar em graus diferentes. Esta probabilidade é de 10⁻⁸ e 10⁻¹⁶, sob as condições especificadas acima.

Pode parecer que o argumento da não plausibilidade para a origem das proteínas necessite de uma atualização. Entretanto, a consideração de condições reais de reação mostram que o argumento contra a origem indireta de proteínas é ainda forçado. Mesmo que os aminoácidos fossem fornecidos em uma seqüência específica, é altamente improvável que eles pudessem formar uma proteína por acaso. Quando aminoácidos são combinados experimentalmente pelo aquecimento, só metade do resultado das conexões químicas são o

apropriado tipo (peptídio), (Temussi et al., 1976). Condições especializadas podem aumentar levemente a probabilidade de formação própria de conexões.

A maior parte dos aminoácidos aparecem em duas formas quimicamente equivalentes, ambas aparecem em igual número em reações químicas ordinárias fora das células vivas. Exceto por certas condições especializadas, a probabilidade de seleção aleatória da forma certa (isômero) de um aminoácido de uma mistura natural é $\frac{1}{2}$. A probabilidade da formação certa de conexões de um químico (peptídeo) em uma reação química é $\frac{1}{2}$. A probabilidade de ambos eventos ocorrer juntos é de apenas $\frac{1}{4}$ para cada aminoácido adicionado. Para a formação de uma cadeia aleatória de 100 aminoácidos, a probabilidade de se produzir qualquer proteína é uma chance em 2×499 ou cerca de 10^{60} . Não considerando a utilidade da proteína. Muitas pessoas considerarão tal probabilidade pouco plausível. E mesmo este cálculo infere que tais elementos químicos estejam presentes como uma premissa altamente não realista. O argumento da proteína dos criacionistas precisa ser atualizada, mas ela não perdeu sua força.

Contra-argumentos em Relação à Teoria do Planejamento

Não é fácil provar que algo seja impossível, a menos que exista uma série de pressuposições que sejam aceitas por todos envolvidos na discussão. Aqueles que sustentam a pressuposição do naturalismo não irão aceitar qualquer argumento proveniente da teoria do planejamento. Entretanto, o argumento é útil para mostrar até que ponto certas explicações naturalistas se fundamentam em circunstâncias tão improváveis.

William Paley utilizou um relógio como um exemplo de planejamento. Se descobrisse um relógio, sem conhecimento de sua origem ou propósito, poderia-se ainda deduzir que o relógio foi estabelecido para algum propósito. Ao aplicar tal argumento para o universo, quando observamos sua complexidade e estrutura somos levados a concluir que o universo foi estabelecido com um propósito e assim o Planejador deve existir. Esta idéia foi ampliada por outros filósofos e aplicada tão trivialmente como o número de segmentos na antena de um fofoqueiro (Paley). Tais argumentos como esse, enfraquecem o argumento do planejamento, pois super-enfatizam o mesmo.

Recentemente, têm surgido diversos argumentos contra a teoria do planejamento. O argumento mais significativo está resumido abaixo.

Pseudo-planejamento. O argumento do planejamento tem sido rejeitado por muitos pensadores em função de que os processos naturais podem resultar em aparentes planejamento sem a necessidade de uma inteligência dirigida. Por exemplo, a formação complexa dos flocos de neve não são o resultado de intervenção divina, mas simplesmente, o resultado natural das propriedades das moléculas de água. Darwin aplicou um argumento semelhante a criaturas vivas. De acordo com Darwin, os organismos parecem ser projetados para seu ambiente não porque Deus tenha determinado assim, mas por causa dos resultados naturais da competição. Os indivíduos que não se adaptaram bem ao ambiente não sobreviveram. É somente por acaso que certos indivíduos se adaptam melhor. Estamos apenas observando o resultado natural da competição e seleção, e não é necessário nenhum Criador para produzi-lo.

O argumento do planejamento aparente mas não real foi recentemente repetido. Richard Dawkins apresentou um exemplo adicional deste tipo de argumento em seu livro, *The Blind Watchmaker*. Dawkins discute que quase qualquer resultado pode acontecer casualmente se forem proporcionados tempo e tentativas suficientes. Foi feita uma tentativa para explicar a origem evolutiva do olho humano. A evolução do olho tem sido por muito tempo um problema para os evolucionistas explicarem. Uma recente simulação da “evolução de olho” por computador (Nilsson e Pelger 1994) foi usada pelos estudiosos pra afirmarem

que não seria difícil um olho evoluir por casualidade. (É improvável que o argumento convença a qualquer que o examine criticamente; por exemplo, veja Baldwin 1995.)

O argumento do *pseudo-planejamento* é válido? Em alguns casos, a resposta pode ser “sim.” Os criacionistas devem ter cuidado para não contenderem muito ao falarem sobre planejamento da natureza. Por exemplo, não há nenhuma necessidade de intervenção da parte de um projetista inteligente para produzir um floco de neve. Flocos de neve podem ter as mesmas propriedades quer produzidos através da lei natural ou por um projetista; conseqüentemente, sua beleza não é um argumento para o planejamento. Mas, por que as propriedades das moléculas de água deveriam causar a produção de flocos de neve? Deus projetou a molécula de água de forma que tivesse estas propriedades? É possível que até mesmo as leis da natureza sejam projetadas? O cristão provavelmente responderá afirmativamente, enquanto o ateu manterá a opinião de que as leis da natureza são propriedades inerentes de massa e energia e não são o resultado de um planejamento. O planejamento pode ser reconhecido somente por uma mente iluminada pela revelação. Porém, certos fenômenos parecem incapazes de ser produzidos sem uma supervisão inteligente. Alguns destes são descritos na seção “complexidade irreduzível.”

Teoria do caos e da complexidade. Outra recente tentativa para explicar o planejamento na natureza surgiu do desenvolvimento da teoria do caos e estudos sobre a complexidade. Afirma-se que sistemas não-lineares podem produzir modelos “emergentes” que parecem projetados mas são produzidos naturalmente pelas propriedades do sistema. Como o avanço da tecnologia, os cientistas são agora capazes de estudar funções matemáticas que antes eram muito complexas de serem analisadas. A teoria da complexidade é um dos resultados desse avanço tecnológico. Descobriu-se que certas relações matemáticas podem ser expressas de forma bastante simples, mas podem dar vazão a modelos interessantes excessivamente complicados. Algumas destas relações foram descritas como “caóticas” porque não podemos predizê-las, contudo exibem modelos interessantes que parecem ser projetados. Na realidade, o modelo simplesmente “emerge” das propriedades matemáticas.

Atualmente, realiza-se muitos trabalhos sobre propriedades “emergentes.” À medida que a complexidade de um sistemas aumenta, podem surgir propriedades novas que não foram previstas. Esta observação levou alguns a supor que complexas interações de moléculas poderiam ser responsabilizadas pela origem da vida (Kauffman 1993), bem como a origem da forma biológica (Goodwin 1994). Visto que este campo ainda está ainda “emergindo”, é difícil deduzir seu possível sucesso. No entanto, se deveria notar que o estado presente da teoria de complexidade não provê uma explicação satisfatória para a origem da vida ou sua diversificação por mudanças na forma. Antes, tem-se provado difícil até mesmo definir o termo “complexidade” ou desenvolver um sistema para medi-lo (Horgan 1995).

Planejamento insatisfatório. Um segundo argumento contra o planejamento propositado é que muitas características da natureza não parecem ser boas. Na realidade, algumas parecem ter sido mal projetadas. Stephen Jay Gould popularizou este argumento em seu livro, *The Panda's Thumb*, no qual ele argumenta que o “dedo polegar” (thumb) do panda foi mal projetado. O panda tem cinco dedos no pé, dos quais nenhum tem a forma de polegar. Um dos ossos do pulso se prolonga para formar um “dedo polegar” com o qual o panda tira as folhas dos brotos de bambu que fazem parte de sua dieta. Gould discute que este ajuste é o resultado da evolução do panda de antepassados, e que nenhum criador inteligente produziria tal estrutura desajeitada. Outro exemplo foi publicado por Jared Diamond (1985) que afirma que as *rods* (estruturas que respondem à pouca luz) e cones do olho do vertebrado estão na parte de trás. A luz tem que atravessar o comprimento do corpo da célula das *rods* ou cone antes de alcançar a retina fotossensível. De acordo com Diamond,

qualquer engenheiro humano que produzisse tal projeto deveria ser despedido imediatamente.

É interessante observar cientistas mundanos apresentando argumentos que são essencialmente teológicos. Discutir sobre o que Deus fez ou não é um exercício basicamente teológico. Tais argumentos não seriam válidos historicamente a menos que tivessem apoio bíblico sólido. Os gregos costumavam discutir que os planetas se moviam por caminhos perfeitamente circulares, pois um Criador perfeito usaria só círculos perfeitos. Nós agora sabemos que isso não é verdade; os planetas se movem por caminhos elípticos. Outro argumento era que as espécies foram criadas perfeitas, e por isso não poderiam mudar, pois se isso acontecesse faria com que se tornassem menos perfeitos e Deus não permitiria isso. Sabemos que isso é falso porque nós mesmos podemos produzir mudanças nos organismos e vemos a evidência de que muitas mudanças aconteceram. Deveria ficar claro que este tipo de argumento é, no mínimo, inconsistente.

Talvez o problema mais sério do argumento do mal planejamento é que os críticos do planejamento não mostraram que ele é na realidade pobre. O panda parece dar-se muito bem com seu “dedo polegar” do jeito que ele é. Não está claro como a seleção natural poderia explicar o estiramento de um osso resultar num “dedo polegar” útil. É bem provável que o dedo polegar do panda seja bem projetado para suas necessidades. O argumento para o suposto mal planejamento do olho é ele próprio um argumento muito insatisfatório. Como um subproduto da visão, discos ópticos minúsculos são espalhados pelas *rods* e cones. Se as *rods* e cones fossem organizados da maneira recomendada por Diamond, o interior do olho se encheria de discos ópticos descartados, ofuscando a visão (Roth 1998). Isso mostra que o projeto de Deus para o olho humano é superior ao do homem.

Planejamento imposto. Um terceiro argumento contra o planejamento, enfatizado por David Hume (1779), é que o planejamento é uma produção da mente. Os humanos não têm outro conjunto alternativo de universos para explorar, assim qualquer coisa que pareça interessante é considerada planejada. Como observadores, as pessoas são muito subjetivas e muito influenciadas por suas próprias pressuposições a notarem evidências contrárias, tal como a evidência da desordem. Como exemplos desta tendência, deve-se mencionar a descrição dos grupos de estrelas como semelhantes a humanos ou animais. Pode-se tirar exemplos semelhantes da formação das pedras ou das nuvens.

Este argumento apresenta pelo menos duas debilidades sérias. Uma delas é que se os humanos estão tão cegados por seus preconceitos ao ponto de não serem capazes de reconhecer o planejamento quando o vêem, como pode-se aceitar qualquer conclusão baseada na razão humana, inclusive o argumento de Hume? Assim o argumento parece se contradizer, visto que confia no raciocínio humano para concluir que este é incerto. Esta conclusão arruinaria qualquer trabalho científico.

Uma segunda debilidade do argumento do “planejamento imposto” é que a natureza realmente parece ser projetada. Quando Hume elaborou seu argumento, grande parte da natureza não era compreendida e pode ter parecido plausível que estivéssemos vendo apenas uma amostra parcial do que a natureza era realmente. Se isto fosse verdade, então a evidência de um planejamento deveria diminuir à medida que a compreensão da natureza fosse aumentando. Mas este não foi o resultado do estudo profundo da natureza. Há mais evidências de sistemas projetados agora do que nos dias de Hume. A evidência do planejamento tem se tornado mais forte, não mais fraca. O argumento que o planejamento é ilusório parece improvável para muitos estudiosos da natureza.

Mau planejamento. Um quarto argumento não é tão contra o desígnio em si como é contra a interpretação cristã de planejamento. Uma coisa é deslumbrar-se com o modo maravilhoso através do qual os insetos interagem com as plantas no processo da polinização ou atribuir ao planejamento divino as complexidades da célula viva. Outro assunto

totalmente diferente, teologicamente, é deslumbrar-se com a maneira maravilhosa como o parasita da malária é projetado para viver temporariamente no mosquito, então depois invadir células sanguíneas humanas. E quanto às glândulas salivares da cascavel, modificadas para produzir um veneno que é destilado por uma presa especialmente “projetada”? Muitos outros exemplos poderiam ser dados. São estas características aparentemente más evidências de um planejamento de um criador inteligente? Nesse caso, que tipo de criador seria?

A Bíblia ajuda na compreensão do problema do mal na natureza. Jesus usou a parábola do joio para explicar que o joio foi plantado no campo por “um inimigo” (Mateus 13:28, 39). Conforme mencionado acima, a natureza está sob uma maldição. Pode haver controvérsias quanto ao exato mecanismo da maldição, mas parece claro que a ela envolve as atividades de Satanás (por exemplo, Jó 1,2; Lucas 13:16). Originalmente, a natureza foi criada muito boa (Gênesis 1:31). Este não é o caso agora. A causa da degeneração da natureza é o pecado do homem, o qual deu o domínio do homem (Gênesis 1:28) nas mãos de Satanás (Jó 1:6). A natureza caiu, até certo ponto, nas mãos do projetista mal.

O problema do mal é provavelmente o maior obstáculo para a aceitação mais ampla do argumento do planejamento. O planejamento parece óbvio, mas muitos estão pouco dispostos a aceitar que um Deus bom permitiria tanto mal. A Bíblia tem algo a dizer sobre ver o planejamento na natureza.

Comentário Bíblico sobre a Identificação de Deus na Natureza

Muitos textos se referem à sabedoria de Deus ilustrada na natureza. Uma pessoa que crê em Deus crê que pode ver a atividade de Deus na natureza. Dois exemplos são listados abaixo.

Salmos 19:1,2 Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos. Um dia discursa a outro dia, e uma noite revela conhecimento a outra noite.

Salmos 8:1 Ó Senhor, Senhor nosso, quão magnífico é em toda terra o teu nome! Pois expuseste nos céus a tua majestade!

Uma teologia natural limitada. Um número menor de textos referem-se à questão de pode ver Deus na natureza, independentemente de se crer nEle. A passagem principal que se refere a esta questão encontra-se em Romanos 1.

Romanos 1:20 Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são, por isso, indesculpáveis!

De acordo com este texto, a natureza revela duas características principais de Deus. Uma é Seu “poder eterno” (Romanos 1:20). Outros textos se referem à “glória” de Deus (Salmos 19:1) ou Sua “majestade” (Salmos 8:1) como observadas na natureza. A segunda característica é a “natureza divina” de Deus (Romanos 1:20). A essência da divindade parece ser existência própria e criatividade. Há um só Deus (Isaias 46:9), e esse Deus é o Criador divino (Revelação 4:11). Assim, ao estudarmos natureza, podemos aprender que há um Criador eterno e poderoso, Deus. Estas qualidades também podem ser expressas nas condições, “Criador” e “Mantenedor.”

Porém, não temos nenhuma garantia de que a natureza sozinha possa revelar muito sobre Deus. Somente Sua existência eterna e Seu poder criativo são mencionados em Romanos 1 como claramente visíveis. Nem mesmo esses pontos são vistos por todos. Muitos dos estudiosos mais famosos da natureza afirmam que não há nenhuma evidência de Deus na natureza - nenhuma evidência de planejamento ou de um Projetista. Como pode ser isso, se a Bíblia afirma que a existência de Deus pode ser vista claramente na natureza? Se a natureza

é criada por Deus e se o homem é criado à Sua imagem, como pode o homem chegar a conclusões incorretas relativas à natureza?

Insegurança de sabedoria humana. Há dois problemas com a leitura que o homem faz da natureza. Uma limitação da habilidade do homem para interpretar corretamente a natureza é seu caráter perverso, como declarado em Romanos 1:18:

“... impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça”.

E novamente no verso 21:

“Porquanto tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus”.

Aparentemente, o pecado obscureceu a razão do homem de forma que ele não pode interpretar a natureza corretamente. Encontramos mais exemplos da natureza limitada da compreensão do homem em várias passagens das Escrituras:

“Porque a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus. I Cor 3:19

“Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria.” I Cor 1:21

“Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá?” Jer. 17:9

“Há caminho que ao homem parece direito, mas ao cabo dá em caminhos de morte.” Prov. 14:12; Prov. 16:25

Uma segunda limitação na habilidade do homem para entender a natureza corretamente é o fato dela ter sido corrompida. A natureza não reflete os propósitos de Deus com precisão e não é confiável para oferecer um quadro consistente da verdade.

“Maldita é a terra por tua causa.” Gen 3:17.

“Ela produzirá também cardos e abrolhos. . . “ Gen 3:18

“Pois a criação está sujeita à vaidade.... Na esperança de que a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção. . . Porque sabemos que toda criação, a um só tempo, geme e suporta angústias até agora”. Romanos 8:19-22.

Se a habilidade humana de raciocínio está corrompida pela rebelião do pecado, e a própria natureza está corrompida como resultado do pecado, como ainda podemos ver Deus na natureza? Considerando nossos primeiros textos, deveria estar claro que podemos ter apenas uma visão limitada de Deus na natureza: são mencionados somente Seu “poder eterno” e Sua “divindade.” As outras características de Deus devem ser reveladas de algum outro modo. Nenhum poder de raciocínio humano nem os mecanismos da natureza dão uma compreensão exata sem a revelação especial de Deus. Esta revelação é encontrada nas escrituras.

Isto explica por que muitos dos estudiosos mais inteligentes da natureza falham ao tentar ver Deus na natureza: suas mentes estão obscurecidas pelo pecado e pela rejeição da revelação especial de Deus. Planejamento na natureza é algo que vemos à medida que nossa mente é informada pela revelação. Santo Anselmo expressou bem essa idéia com uma famosa declaração: “Eu creio para que eu possa entender”. Reconhecemos o planejamento na natureza porque sabemos que ela não é um acaso. Sabendo que a natureza foi criada por um Deus inteligente, podemos ver nela os resultados de um planejamento intencional. Aqueles que se recusam a aceitar que Deus é o Criador podem falhar ao tentar ver, ou recusar a reconhecer, que a natureza é projetada.

Conclusão

A natureza dá evidências de um arquiteto, mas não se pode tirar muitas conclusões sobre o Arquiteto a partir da natureza apenas. O testemunho da natureza é bastante limitado e sujeito a ser mal interpretado se estudado aparte da revelação especial. Aqueles que estão

dispostos a considerar o assunto abertamente poderão ver que o universo deve ter sido criado por alguma inteligência poderosa. Para aqueles que estudam a Bíblia, a natureza reflete muito do amor e do cuidado de Deus.

Mas a natureza também mostra muito do que é mau. A ciência não tem nenhuma explicação para a existência do mal. Ela não pode reconhecer que o mal existe; ao invés disso, todo o comportamento é avaliado de acordo com as circunstâncias. A ciência não reconhece nenhum padrão último de certo ou errado. Porém, é difícil sustentar que o mal não existe quando lembramos do Holocausto e de atos como o genocídio. A ciência não pode fornecer explicações satisfatórias para tais fenômenos como o mal na natureza. Somente pela iluminação do Espírito Santo de Deus é que a natureza pode ser interpretada corretamente.

A Bíblia explica que a natureza não só reflete os atributos de um Criador amoroso, mas que outro poder também esteve ativo. O Mau teve uma influência na natureza. A natureza está corrompida e não pode apresentar um quadro seguro da verdade. Esta corrupção não só se estende para o mundo diante de nós, mas está presente dentro de nós. Até mesmo nossas mentes são rebeldes e propensas a negar aquilo que Deus deixou evidente, “seu eterno poder, como também sua própria divindade” (Romanos 1:20).

Temos aprendido das Escrituras que nossas próprias idéias não são seguras:

“Confia no Senhor de todo o teu coração e não te estribes no teu próprio entendimento.” Provérbios 3:5.

Nestes últimos dias, a influência da ciência é muito grande, e pode parece que o conhecimento de Deus esteja sendo deixado de lado. Isto torna nosso testemunho ainda mais importante. Fomos chamados a desempenhar um papel profético, que é o de reprovar as idéias erradas a respeito de Deus. É característico de muitos “mudarem a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura em lugar do Criador” Romanos 1:25 Como diz o primeiro anjo de Revelação 14:

“Adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas.” Revelação 14:7b

É nosso dever e privilegia para chamar atenção a Deus o Criador em lugar de tripular a criatura.

Bibliografia

- Baldwin, J. T. 1992. God and the world: William Paley's argument from perfection tradition - a continuing influence. *Harvard Theological Review* 85:109-120.
- Baldwin, J. T. 1995. The argument from sufficient initial system organization as a continuing challenge to the Darwinian rate and method of transitional evolution. *Christian Scholar's Review* 24:423-443.
- Barrow, J. D. and F. J. Tipler. 1986. *The anthropic cosmological principle*. Oxford University Press. Oxford and New York.
- Behe, M. J. 1994 (1993). *Molecular machines: experimental support for the design inference*. Cópia de uma palestra apresentada à American Scientific Affiliation, agosto de 1993. Retirada da Internet.
- Darwin, C. 1872. *The origin of species*. 6th edition. Reimpresso em 1958 por Penguin Books, New York.
- Dawkins, R. 1986. *The blind watchmaker*. Norton and Co. New York.
- Denton, M.J. 1998. *Nature's destiny*. New York: Free Press.
- Diamond, J. 1985. The voyage of the overloaded ark. *Discover* Junho, 1985 pp 82-92.

- Goodwin, B. 1994. Developmental complexity and evolutionary order. Pp 205-222 in (G. A. Cowan, D. Pines and D. Meltzer, eds) Complexity: Metaphors, models, and reality. Proceedings Volume XIX. Santa Fe Institute Studies in the Sciences of Complexity. Addison-Wesley Publ. Menlo Park, CA; New York.
- Gould, S. J. 1980. The panda's thumb. Norton and Co. New York.
- Horgan, J. 1995. From complexity to perplexity. Scientific American 272(6):104-109.
- Hume, D. 1779. Dialogues concerning natural religion. (Reimpresso em 1990 por Penguin Books. New York and London.)
- Kauffman, S. A. 1993. The origins of order. Oxford University Press. New York.
- Lovelock, J. E. 1987. Gaia: a new look at life on Earth. Oxford University Press. Oxford and New York.
- Nilsson, D. E. and S. Pelger. 1994. A pessimistic estimate of the time required for an eye to evolve. Proceedings, Royal Society of London, B 256:53-58.
- Paley, W. 1802. Natural theology. (Reimpresso em 1972 por St. Thomas Books. Houston.)
- Roth, A.A. 1998. Origins: Linking science and scripture. Hagerstown MD: Review and Herald.
- Temussi, P. A., L. Paolillo, F. E. Benedetti, and S. Andini. 1976. Journal of Molecular Evolution 7:105-